

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Ana Laura Hermes

***OUTSIDERS* E POPULISMO: A ASCENSÃO DE DONALD TRUMP E A
TRANSFORMAÇÃO DA POLÍTICA GLOBAL SOB A PERSPECTIVA DOS ATOS
DE FALA**

Artigo apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Mariana Dalalana Corbellini

Santa Cruz do Sul

2024

OUTSIDERS E POPULISMO: A ASCENSÃO DE DONALD TRUMP E A TRANSFORMAÇÃO DA POLÍTICA GLOBAL SOB A PERSPECTIVA DOS ATOS DE FALA

Ana Laura Hermes¹

Mariana Dalalana Corbellini²

RESUMO: O artigo investiga a ascensão de *outsiders* políticos e o uso do populismo como estratégia de mobilização social e dominação, fundamentando-se na Teoria dos Atos de Fala de Nicholas Onuf. O problema de pesquisa aborda como discursos populistas influenciam percepções políticas e desafiam instituições democráticas. O objetivo é analisar a linguagem performativa de líderes, como Donald Trump, e seu papel na simplificação de questões complexas e na polarização social. Utilizando uma abordagem qualitativa, a metodologia consiste na análise discursiva de pronunciamentos e postagens em plataformas digitais, além de estudos comparativos entre diferentes contextos políticos. O populismo é apresentado como uma resposta antidemocrática às crises contemporâneas, rejeitando a diversidade ideológica e reforçando a dicotomia "povo *versus* elite". Amplificado pelas plataformas digitais, esse discurso fomenta a polarização e a desinformação. O artigo conclui que o populismo ameaça a democracia ao minar o pluralismo e excluir o diálogo público.

PALAVRAS-CHAVE: Populismo. *Outsider*. Donald Trump. Povo *versus* elite. Atos de fala.

OUTSIDERS AND POPULISM: THE RISE OF DONALD TRUMP AND THE TRANSFORMATION OF GLOBAL POLITICS FROM THE PERSPECTIVE OF SPEECH ACTS

¹ Acadêmica do curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: laura5@mx2.unisc.br.

² Professora do Curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: marianacorbellini@unisc.br.

ABSTRACT: The article investigates the rise of political outsiders and the use of populism as a strategy for social mobilization and domination, based on Nicholas Onuf's Speech Act Theory. The research problem addresses how populist discourses influence political perceptions and challenge democratic institutions. The objective is to analyze the performative language of leaders such as Donald Trump and its role in simplifying complex issues and fostering social polarization. Using a qualitative approach, the methodology consists of discourse analysis of speeches and social media posts, along with comparative studies across different political contexts. Populism is presented as an anti-democratic response to contemporary crises, rejecting ideological diversity and reinforcing the "people versus elite" dichotomy. Amplified by social media, this discourse fuels polarization and disinformation. The article concludes that populism threatens democracy by undermining pluralism and excluding public dialogue.

KEYWORDS: Populism. *Outsiders*. Donald Trump. People versus elite. Speech acts.

1 INTRODUÇÃO

O termo "*outsider*"³, originado do inglês, refere-se a candidatos ou líderes políticos que surgem sem uma trajetória prévia na administração pública, sendo vistos como figuras externas no cenário político tradicional (Levitsky & Ziblatt, 2018). Essa ausência de experiência é frequentemente compensada por estratégias manipulativas, incluindo discursos persuasivos e autoritários, além de uma intensa autopromoção como "salvadores da pátria" (Tormey, 2019). A ascensão desses *outsiders* políticos a altos cargos executivos têm provocado uma reavaliação crítica das estruturas governamentais existentes, gerando a necessidade de reformular um antigo conceito para explicar esse fenômeno: o Populismo.

O populismo não possui uma definição exata e não pode ser considerado uma doutrina política, filosofia ou um credo. Tampouco fornece uma orientação sobre como a sociedade deve se organizar e gerir a economia. Em vez disso, cada especialista adota uma perspectiva diferente sobre ele, embora, conforme aponta Simon Tormey (2019), há um consenso em utilizá-lo como um termo de conotação negativa, para expor os verdadeiros ideais dos partidos e seus políticos. De forma geral, o populismo se baseia na centralidade do povo como o sujeito da política, formando, assim, um estilo ou forma de política com cinco características definidoras: a noção de nós versus eles; aproveitamento de crises; política redentora; figura central carismática; e linguagem franca e direta (Tormey, 2019).

Para uma compreensão mais profunda de como os *outsiders* políticos utilizam o populismo para ascender ao poder, é essencial incorporar a Teoria dos Atos de Fala de Nicholas Onuf. Onuf (2012) argumenta que os discursos e atos de fala não são meramente formas de comunicação, mas têm um papel performativo na construção e na transformação da realidade política e social. Segundo o autor, os atos de fala podem criar e modificar a percepção pública e definir a dinâmica política, funcionando como ferramentas de poder que moldam a forma como problemas são compreendidos e soluções são propostas (Onuf, 2012). Essa

³ "Forasteiro", em tradução livre.

perspectiva teórica é fundamental para compreender como os discursos dos *outsiders* políticos e populistas, conforme argumenta Onuf (2012), não apenas refletem suas realidades, mas também desempenham um papel ativo na construção e solidificação de suas posições de poder.

Com o avanço das plataformas digitais, a relevância dos *outsiders* na política global tem sido amplificada, permitindo que esses líderes se conectem diretamente com grandes audiências, sem a necessidade de intermediários tradicionais da mídia. Essa dinâmica se relaciona diretamente com a definição de populismo, uma vez que nas plataformas digitais, os seus discursos se intensificam, possibilitando a criação de uma imagem carismática e acessível, características centrais do estilo populista para Tormey (2019). Assim, o contexto das plataformas digitais é fundamental para compreender como esses líderes utilizam as plataformas digitais para mobilizar suas bases eleitorais e consolidar suas narrativas.

Dessa forma, o presente trabalho tem como problema de pesquisa investigar como a ascensão de candidatos *outsiders* ao poder em diferentes Estados se relaciona com a propagação do populismo, analisando como esses políticos, ao fazer uso de tal fenômeno, de forma intencional ou não, alcançam e consolidam posições de liderança no sistema internacional. A pesquisa examina a interação entre o populismo e o crescimento da participação política desses novos líderes, com destaque para Donald Trump como caso paradigmático, ressaltando o papel das mídias sociais na amplificação de suas mensagens e na mobilização de suas bases eleitorais. Além disso, avalia-se o impacto dessa dinâmica na estabilidade e na qualidade das democracias contemporâneas, considerando os desafios e ameaças que ela representa.

Para atingir esses objetivos, é adotada uma metodologia de natureza qualitativa e multidimensional, com foco em estudos de casos de líderes políticos reconhecidos como *outsiders*, especialmente no espectro de direita. São analisadas figuras-chave em diferentes nações diante da Teoria dos Atos de Fala de Nicholas Onuf, que ascenderam ao poder utilizando discursos populistas para consolidar suas posições de dominância.

O principal objeto de estudo é Donald Trump, cuja trajetória política será analisada com mais profundidade posteriormente, destacando como seus discursos e o uso das plataformas digitais contribuíram para sua ascensão e permanência no cenário político estadunidense. Trump exemplifica de maneira única o impacto do

populismo de direita em democracias consolidadas. Sua trajetória política, marcada por sua posição como *outsider* fora do *establishment* tradicional, ilustra como líderes populistas podem explorar insatisfações sociais e o descrédito em relação às instituições para construir bases de apoio sólidas e leais.

A relevância de Trump como caso paradigmático justifica sua escolha para este estudo, pois sua trajetória oferece *insights* sobre como discursos populistas, aliados a estratégias não convencionais, reconfiguram o cenário político contemporâneo, mesmo em contextos historicamente estáveis. Essa análise permitirá identificar padrões de comportamento e práticas discursivas que ajudam a explicar a ascensão de outsiders populistas no sistema político internacional.

Os critérios para seleção dos casos, bem como as fontes documentais e bibliográficas que fundamentam a análise, serão detalhados adiante, contribuindo para uma compreensão mais ampla e sistemática das interações entre *outsiders*, populismo, plataformas digitais e dinâmicas políticas globais.

A relevância deste tema se destaca pelo aumento progressivo do populismo e pela ascensão de *outsiders* em posições de destaque, que geram impactos significativos nas relações internacionais contemporâneas. Esse fenômeno não apenas reconfigura as dinâmicas políticas locais, mas também influencia alianças globais, a cooperação internacional e a estabilidade democrática.

Nesse novo cenário, as plataformas digitais assumem um papel fundamental, amplificando as mensagens desses líderes e facilitando a mobilização de suas bases eleitorais. Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2017), em “*Como as Democracias Morrem*”, destacam que os *outsiders* populistas, especialmente os alinhados à direita, frequentemente adotam posturas autoritárias e exploram as plataformas digitais como um canal eficaz para disseminar ideias extremistas, muitas vezes sem a supervisão das autoridades. Esse ambiente digital favorece a propagação de narrativas polarizadoras e o enfraquecimento das normas democráticas estabelecidas. Além disso, a novidade dessa dinâmica resulta em uma escassez de estudos acadêmicos aprofundados, o que limita a compreensão das sutilezas e implicações dessas mudanças para a democracia.

Portanto, é fundamental realizar mais pesquisas sobre o assunto, a fim de alertar a comunidade global para os perigos associados a essas tendências. A falta de um entendimento abrangente pode levar a uma subestimação dos riscos que o populismo e a ascensão de *outsiders* representam, como a erosão de normas

democráticas, o aumento da polarização política e o dismantelamento de instituições. Além disso, a pesquisa é essencial para oferecer ferramentas teóricas e analíticas que ajudem a sociedade civil, acadêmicos e formuladores de políticas a operar nesse novo cenário, contribuindo assim para um entendimento mais amplo dos desafios enfrentados pelas democracias contemporâneas e promovendo uma reflexão crítica sobre as melhores práticas para a preservação e fortalecimento das instituições democráticas em um contexto de mudanças rápidas e cada vez mais imprevisíveis.

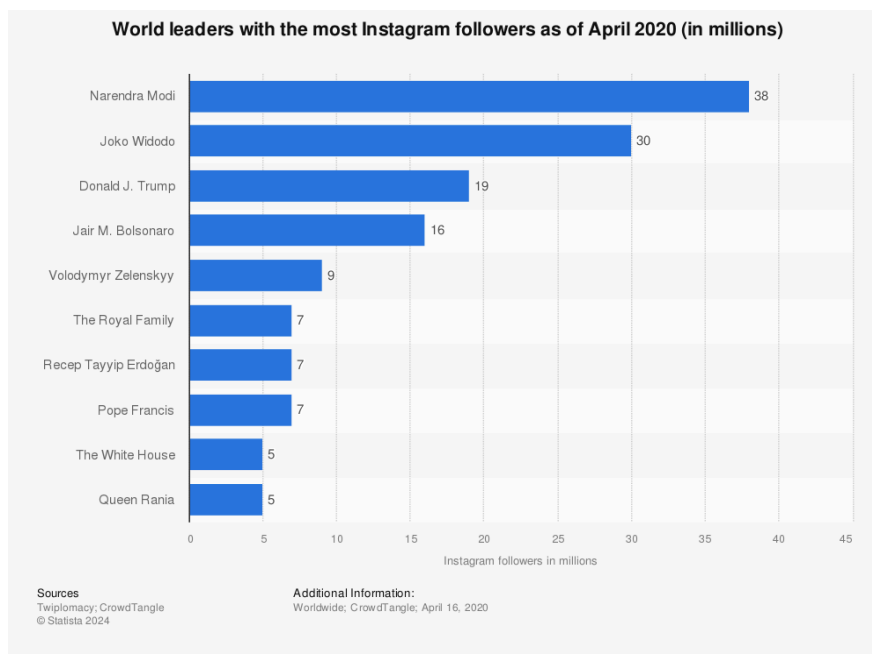
2 METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa, a metodologia adotada é de natureza qualitativa, multidimensional e baseada em estudos de casos, com uma análise documental que inclui a revisão de artigos acadêmicos, livros, notícias e outras fontes bibliográficas relevantes. A abordagem qualitativa refere-se à análise profunda e interpretativa das informações coletadas, com foco em entender o contexto, significados e implicações dos fenômenos no presente estudo. Em vez de se apoiar em números ou estatísticas, a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados, focando na interpretação de dados textuais e contextuais.

Já o caráter multidimensional da pesquisa, por sua vez, indica que a análise considera diferentes ângulos ou aspectos do fenômeno estudado. Isso significa que o estudo não se limita a uma única dimensão, mas examina o tema sob variados prismas, como os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Essa multiplicidade de ângulos permite uma compreensão mais abrangente e profunda, garantindo que o fenômeno seja analisado em toda a sua complexidade e em suas múltiplas inter-relações.

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que permite a investigação aprofundada de fenômenos específicos em seu contexto real. No presente trabalho, essa abordagem foi escolhida para examinar a trajetória política, a ascensão e a comunicação pública de Donald J. Trump (EUA). A seleção desse líder baseou-se em dados do portal Statista (Dixon, 2023), no gráfico intitulado “Líderes mundiais com o maior número de seguidores no Instagram em abril de 2020” (Gráfico 1), e em três critérios principais: (1) ser considerado outsider político; (2) pertencer à direita ou extrema-direita; e (3) utilizar discursos populistas. A relevância de Trump nesse estudo é justificada pela sua importância contemporânea no cenário político global e nas mídias sociais, ocupando a terceira posição no gráfico, com 19 milhões de seguidores (Dixon, 2023). Esse caso oferece uma oportunidade única para investigar como o contexto político e a comunicação contemporânea contribuíram para a ascensão de Trump como um *outsider* e figura populista.

Gráfico 1 - Líderes mundiais com o maior número de seguidores no Instagram em abril de 2020.



Fonte: Stacy J. Dixon, Statista.

Essa análise é realizada com base na Teoria dos Atos de Fala de Nicholas Onuf, que serve como a principal metodologia teórica para entender como os discursos populistas contribuem para a ascensão e consolidação política de líderes *outsiders*. Segundo Onuf (2012), a linguagem não é apenas uma forma de comunicação, mas uma ação capaz de moldar a realidade social e política, transformando percepções e influenciando comportamentos.

Ao aplicar essa teoria, o artigo investiga como os discursos populistas de líderes como Donald Trump funcionam como “ações” que vão além das palavras. Esses discursos são usados de maneira estratégica para criar narrativas que fortalecem sua autoridade e mobilizam apoio. As palavras de Trump, tanto nas mídias tradicionais quanto nas plataformas digitais, não são apenas declarações sobre fatos, mas atos que influenciam a maneira como as pessoas veem o mundo e as instituições políticas.

A Teoria dos Atos de Fala, portanto, ajuda a compreender como os discursos de líderes *outsiders* populistas constroem suas identidades políticas e consolidam sua base de apoio. Cada declaração ou discurso é uma ação política que altera as relações entre o líder e seus seguidores. Dessa forma, a teoria proporciona uma

análise mais clara sobre como o discurso pode ser uma ferramenta poderosa para a ascensão de *outsiders* políticos e do populismo no cenário contemporâneo.

A análise é contextualizada no cenário político e nas especificidades dos Estados Unidos entre 2015 e 2021, com foco principal no período da candidatura de Donald Trump, proporcionando uma visão abrangente da dinâmica entre *outsiders* políticos e o crescimento da direita populista. A análise do seu mandato recebe menor destaque, dado que o foco está nas circunstâncias e estratégias que marcaram sua ascensão ao poder. A interpretação dos dados busca revelar como os discursos de *outsiders* moldam a percepção política e contribuem para a transformação das democracias contemporâneas, destacando os desafios e ameaças associados a esses fenômenos e suas implicações para a política global.

3 CARACTERÍSTICAS DOS *OUTSIDERS* POLÍTICOS

Nos últimos anos, a política global tem testemunhado a ascensão de um novo tipo de líder: os *outsiders* políticos. O termo “*outsider*”, para as Ciências Sociais, refere-se àqueles que não seguem normas e convenções socialmente aceitas, sendo vistos como figuras à margem ou forasteiras no contexto social (Becker, 2008, *apud* Santos & Fossa, 2023). Eles emergem como figuras que desafiam o *status quo*, muitas vezes se apresentando como a voz do povo, apelando diretamente às emoções e preocupações das massas (Barr, 2009). Para entender a complexidade desse fenômeno, é fundamental identificar as características que definem esses líderes e as estratégias que utilizam para conquistar apoio e consolidar poder.

Uma das principais características dos *outsiders* políticos é a pouca ou nenhuma experiência no manejo do aparato público. Juan Linz (1995, *apud* Santos & Fossá, 2023) parte do pressuposto de que a classificação de um candidato como *outsider* está intrinsecamente ligada a discursos populistas, que frequentemente expressam hostilidade ao sistema político e aos políticos já estabelecidos. Assim, um *outsider* não precisa, necessariamente, carecer de experiência prévia, bastando apresentar-se como *anti-establishment*⁴ para ser considerado como tal (Linz, 1995, *apud* Santos & Fossá, 2023).

Robert Barr, por sua vez, em seu artigo intitulado “*Populist, outsiders and anti-establishment*” (2009), classifica os candidatos como *insiders* ou *outsiders*, dependendo da sua localização quanto ao sistema político. Os *insiders* “são aqueles que ascendem através ou por meio de partidos já estabelecidos e competitivos da nação e procuram preservar o sistema político vigente”, enquanto que o *outsider* “é alguém que ganha destaque político, não através ou associado a um partido político [...], mas como um político independente ou em associação partidária a um partido novo” (Barr, 2009, p. 33-34; tradução própria).

Assim, se um político tradicional (*insider*) é aquele que ganha proeminência dentro dos partidos estabelecidos e competitivos, e que ajuda a manter o sistema político, o *outsider*, por sua vez, é alguém que ganha relevância ou notoriedade fora desses partidos como político independente ou em associação com dois tipos de organizações: (i) ou com partidos novos, criados pelo e para o líder político; (ii) ou com partidos antigos, mas que se tornaram competitivos recentemente [...]. Por isso, partidos pequenos e não-competitivos, mesmo que formados há mais tempo, não deveriam ser considerados parte do sistema partidário estabelecido (Barr, 2009, *apud* Picussa & Codato, 2022, p. 6).

⁴ “Antissistema”, em tradução livre. Políticos antissistema são aqueles que se opõem às instituições e normas estabelecidas, propondo mudanças profundas ou rejeitando o *status quo* (Côrtes & Oliveira, 2021).

Além disso, Barr (2009, p. 34) introduz uma categoria intermediária que vai além da simples dicotomia entre *insiders* e *outsiders*: os *mavericks*. Esses são “políticos que alcançam relevância dentro de um partido político estabelecido e renomado, mas que posteriormente abandonam suas filiações para se unir a um partido menor ou [...] criar o seu próprio”. Os *mavericks* se aproximam mais dos *outsiders* do que dos *insiders* tradicionais, pois, apesar de sua ascensão inicial em partidos consolidados, rompem com essas estruturas para adotar uma postura independente ou se associar a partidos menos competitivos. Essa ruptura é geralmente impulsionada por um desejo de reformar ou desafiar o sistema político vigente, sendo essa distinção crucial para diferenciar entre os políticos que buscam manter o *status quo* e aqueles que desejam alterá-lo (Barr, 2009).

Exemplos de *mavericks* citados por Barr (2009) incluem Carlos Menem (1989-1999), da Argentina, que foi eleito pelo tradicional Partido Peronista, usando uma retórica *anti-establishment*; Raphael Caldera (1969-1974, 1994-1999), da Venezuela; e Cuauhtémoc Cárdenas (1997-1999), do México. Os dois últimos, após se eleger por partidos respeitáveis, romperam com seus aliados para fundar seus próprios partidos: Caldera criou o Convergência Nacional, enquanto Cárdenas fundou o Partido da Revolução Democrática. Essas trajetórias ilustram como os *mavericks* desafiam as estruturas partidárias estabelecidas, mesmo que tenham se originado nelas (Barr, 2009).

Charles Kenney (1998, apud Picussa & Codato, 2022) aprofunda essa distinção, classificando políticos como antipartidários ou tolerantes a partidos, resultando em quatro tipos: 1) *outsider* e antipartidário; 2) *outsider* e tolerante a partidos; 3) *insider* e antipartidário; 4) *insider* e tolerante a partidos. Essa categorização traz nuances importantes, pois considera não só a origem do político, mas também sua postura político-discursiva, ponto central deste artigo.

Para *outsider* e antipartidário, temos o exemplo do ex-presidente peruano, Alberto Fujimori, que governou de 1990 a 2000. Fujimori assumiu a presidência com discursos *anti-establishment*, explorando o ressentimento popular contra as elites. Desde o início, enfrentou conflitos com o Congresso e demonstrou pouca paciência com os trâmites políticos, desprezando a necessidade de apoio de outros para aprovar suas propostas e preferindo governar de forma autônoma. Assim, em 1992, dissolveu o Congresso. Embora suas políticas econômicas tenham inicialmente

estabilizado o país, seu governo acabou marcado por corrupção e violações de direitos humanos, culminando em sua queda e prisão. O concorrente de Fujimori na eleição de 1990 foi o escritor Mario Vargas Llosa, também visto como *outsider*, mas com uma postura distinta. Ao contrário de Fujimori, Vargas Llosa defendia o respeito às instituições políticas e uma abordagem democrática para as reformas (Levitsky & Ziblatt, 2018).

Já para a categoria de *insider* e antipartidário temos Fernando Collor de Mello, no Brasil, como exemplo. Embora fosse parte da elite política, Collor adotou um discurso *anti-establishment* e combativo contra os partidos tradicionais, criticando a corrupção e os “marajás” do serviço público. Sua retórica, que misturava proximidade com o sistema e uma crítica contundente a ele, ajudou a conquistar apoio popular. No entanto, seu governo acabou envolvido em escândalos de corrupção, levando ao seu *impeachment* em 1992 (Schwarcz & Starling, 2015).

De forma contrária, temos exemplos de líderes latino-americanos, *insiders* e com uma postura de tolerância e respeito em relação aos partidos. Rafael Caldera, na Venezuela, Lázaro Cárdenas, no México, Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil, e Carlos Menem, na Argentina, são figuras que, mesmo atuando dentro do sistema político, não romperam com as instituições partidárias. Esses líderes demonstraram disposição para trabalhar com diferentes partidos e respeitaram a dinâmica institucional, favorecendo o diálogo e a cooperação, princípios da democracia pluralista (Picussa & Codato, 2022).

O Quadro 1 ilustra, nos exemplos da América Latina, os quatro tipos de políticos conforme definidos por Kenney (1998, *apud* Picussa & Codato, 2022, p. 5):

Quadro 1 - Os quatro tipos de políticos presentes no sistema político vigente

DISCURSO EM RELAÇÃO AO SISTEMA PARTIDÁRIO	ORIGEM EM RELAÇÃO AO SISTEMA PARTIDÁRIO	
	<i>Outsider</i>	<i>Insider</i>
<i>Antipartidário</i>	- Fujimori (Peru)	- Collor de Melo (Brasil)
<i>Tolerante a partidos</i>	- Vargas Llosa (Peru)	- Caldera (Venezuela) - Cárdenas (México) - Lula (Brasil) - Menem (Argentina)

Fonte: Kenney, 1998 *apud* Picussa & Codato, 2022, p. 5.

Por outro lado, o cientista político Javier Corrales (2008) define *outsiders* como *newcomers*⁵, ou seja, candidatos que disputam a presidência sem experiência eleitoral anterior. Para ele, as opiniões políticas dos candidatos (como ser antissistema e antipartidário) não são um critério definidor para classificar um candidato como *outsider*, embora o autor reconheça que muitos *newcomers* utilizam essa abordagem para conquistar o eleitorado. Em vez disso, é a falta de experiência prévia em corridas eleitorais que determina essa classificação de forma única e exclusiva, sendo possível que um candidato seja *outsider* apenas uma vez em sua carreira (Corrales, 2008). Dessa forma, por exemplo, o então presidente da França, Emmanuel Macron, não poderia ser considerado um *outsider*, uma vez que já havia sido Ministro da Economia antes da sua eleição presidencial em 2017, apesar de ter se apresentado para o eleitorado como um *outsider* que estava fora das estruturas políticas tradicionais, desafiando os partidos estabelecidos e criando o seu próprio partido, o *La République en Marche!* (Niero Neto, 2017).

Apesar de ocuparem posições distintas no sistema político, tanto *outsiders* quanto *mavericks* compartilham uma característica crucial: o uso de discursos *anti-establishment*. Essa convergência retórica é central para compreender esses candidatos, pois, independentemente de sua origem política, ambos recorrem a uma narrativa que desafia as elites e as estruturas partidárias tradicionais, mobilizando o descontentamento popular (Picussa, 2023). Barr (2009) enfatiza que essa retórica é

⁵ “Recém-chegados”, em tradução livre.

essencial para a eficácia política de *outsiders* e *mavericks*, apelando para promessas de reformas significativas ou transformações radicais do sistema político.

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, por sua vez, em “Como as democracias morrem”⁶ (2018), oferecem uma análise mais profunda do comportamento *anti-establishment* dos *outsiders*, argumentando que esses candidatos frequentemente se assemelham a demagogos e líderes autoritários. Embora se apresentem como defensores do povo, esses *outsiders* podem, na verdade, representar uma ameaça às instituições democráticas, ao adotarem práticas que minam o sistema político e concentram poder em suas mãos (Levitsky & Ziblatt, 2018). Para facilitar a identificação de potenciais líderes autoritários, Levitsky e Ziblatt (2018) propõem quatro indicadores de alerta, baseados na obra de Juan Linz, *The Breakdown of Democratic Regimes* (1978). Através da exploração dessas regras, é possível entender melhor o perigo que certos líderes populistas representam para a sobrevivência das democracias.

O Quadro 2 abaixo foi extraído integralmente de “Como as democracias morrem” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 33-34) para melhor ilustrar os quatro indicadores de alertas:

⁶ “How Democracies Die”, no título original.

Quadro 2 - Os quatro principais indicadores de comportamento autoritário

<p>1. Rejeição das regras democráticas do jogo (ou compromisso débil com elas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os candidatos rejeitam a Constituição ou expressam disposição de violá-la? • Sugerem a necessidade de medidas antidemocráticas, como cancelar eleições, violar ou suspender a Constituição, proibir certas organizações ou restringir direitos civis ou políticos básicos? • Buscam lançar mão (ou endossar o uso) de meios extra constitucionais para mudar o governo, tais como golpes militares, insurreições violentadas ou protestos de massa destinados a forçar mudanças de governo? • Tentam minar a legitimidade das eleições, recusando-se, por exemplo, a aceitar resultados eleitorais dignos de crédito?
<p>2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional existente? • Afirmam que seus rivais constituem uma ameaça, seja à segurança nacional ao modo de vida predominante? • Sem fundamentação, descrevem seus rivais partidários como criminosos cuja suposta violação da lei (ou potencial de fazê-lo) desqualificaria sua participação plena na arena política? • Sem fundamentação, sugerem que seus rivais sejam agentes estrangeiros, pois estariam trabalhando secretamente em aliança com (ou usando) um governo estrangeiro - com frequência um governo inimigo?
<p>3. Tolerância ou encorajamento à violência</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Têm quaisquer laços com gangues amadas, forças paramilitares, mílicas, guerrilhas ou outras organizações envolvidas em violência ilícita? • Patrocinaram ou estimularam eles próprios ou seus partidários ataques de multidões contra oponentes? • Endossam tacitamente a violência de seus apoiadores, recusando-se a condená-los e puni-los de maneira categórica? • Elogiaram (ou se recusaram a condenar) outros atos significativos de violência política no passado ou em outros lugares do mundo?
<p>4. Propensão a restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apoiaram leis ou políticas que restrinjam liberdades civis, como expansões de leis de calúnia e difamação ou leis que restrinjam protestos e críticas ao governo ou certas organizações cívicas ou políticas? • Ameaçaram tomar medidas legais ou outras ações punitivas contra seus críticos em partidos rivais, na sociedade civil ou na mídia? • Elogiaram medidas repressivas tomadas por outros governos, tanto no passado, quanto em outros lugares do mundo?

Fonte: Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 33-34.

Um político que se enquadre mesmo em apenas um desses critérios é motivo de preocupação. Que tipo de candidato tende a dar positivo no teste do autoritarismo? Com grande frequência, os *outsiders* populistas. Populistas são políticos *anti-establishment* - figuras que, afirmando representar a “voz do povo”, entram em guerra contra o que descrevem como uma elite corrupta e conspiradora (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 33-34).

Segundo as pesquisadoras Magna Inácio e Mariana Llanos (2018), outra característica predominante de *outsiders* e *mavericks* é a sua aversão a discutir políticas em termos tradicionais durante a campanha. Em vez disso, eles optam por discursos que criticam a ordem estabelecida e utilizam *slogans* simplistas, que ressoam de maneira mais direta e apelativa com o público em geral. Uma vez que chegam ao poder, para compensar essa carência de conteúdo, os *outsiders*

costumam implementar mudanças abruptas no *status quo* assim que assumem o governo, buscando dar uma resposta imediata às expectativas geradas durante a campanha (Inácio & Llanos, 2018).

Além disso, é importante reconhecer que o *outsider* muitas vezes chega ao poder com lacunas informacionais significativas sobre a gestão do governo e pode se tornar resistente às formas tradicionais de operar em uma democracia. Essa postura pode levar à desacreditação das instituições e à rejeição do diálogo necessário para a construção de consenso (Inácio & Llanos, 2018). Conforme apontado por Levitsky e Ziblatt (2018, p. 80):

[...] a democracia é um trabalho árduo. Enquanto negócios familiares e esquadrões de exércitos podem ser governados por ordens, democracias exigem negociações, compromissos e concessões. Reveses são inevitáveis, vitórias são sempre parciais. Todos os políticos se veem frustrados por essas restrições, mas os democráticos sabem que tem de aceitá-las. Para *outsiders*, [...] a política democrática é com frequência considerada insuportavelmente frustrante.

Tais atitudes podem resultar em confrontos com parlamentos e judiciários, ou mesmo em tentativas de reestruturação institucional que visem contornar a responsabilização (Inácio & Llanos, 2018). Levitsky e Ziblatt (2018) destacam que o processo de radicalização política começa com o uso de palavras e críticas extremas dirigidas a outros candidatos e instituições. Isso inclui alegações de que os oponentes têm ligações com o terrorismo e que a mídia tradicional e as instituições estão corrompidas. Esse discurso polarizador gera uma "atmosfera de pânico, hostilidade e desconfiança" (p. 79), criando um ambiente propício para a tomada de poder por meios legais, que são justificados como necessários para proteger a nação das ameaças que a cercam. Essa situação pode levar à erosão das normas democráticas, uma vez que as ações consideradas extremas são frequentemente apresentadas como legítimas e urgentes diante do suposto estado de emergência (Levitsky & Ziblatt, 2018). A história já demonstrou que mudanças drásticas nas regras do jogo podem ter consequências severas para a saúde das democracias (Inácio & Llanos, 2018).

4 O POPULISMO COMO ESTRATÉGIA DE DOMINAÇÃO

Populismo é um termo que remonta a séculos de debates políticos e é utilizado para descrever uma ampla gama de fenômenos, que vão desde presidentes de esquerda latino-americanos e partidos de oposição de direita na Europa, até a dicotomia entre democratas e republicanos nos Estados Unidos. Embora tenha suas origens no século XIX, o Populismo mantém uma presença relevante na política contemporânea. No entanto, sua utilização pela mídia e por políticos muitas vezes gera confusão e ambiguidade, dificultando a compreensão das suas características e implicações (Kaltwasser & Mude, 2017, *apud* Bruzzone, 2021).

As raízes do Populismo se aprofundam no século XIX, quando o conceito começou a ser utilizado para descrever movimentos políticos que buscavam representar as massas em oposição às elites. Ao longo do século XX, o fenômeno ganhou destaque especialmente na América Latina, onde líderes carismáticos e fortes como Juan Domingo Perón e Getúlio Vargas emergiram, frequentemente adotando estratégias populistas que se opõem ao *establishment* político. Esses líderes, conhecidos como caudilhos⁷, utilizam uma retórica emocional e direta para estabelecer conexões com o povo, ao mesmo tempo em que deslegitimam as instituições democráticas (Tormey, 2017, p. 29-31). O caudilhismo, portanto, representa uma forma de populismo que enfatiza a liderança carismática e o personalismo, resultando em um governo frequentemente autoritário, em que o líder se coloca acima das normas e instituições.

Nesse sentido, Simon Tormey (2017, p. 22-23) argumenta que “o populismo nunca desabrochou em um credo intelectual ou uma doutrina” e raramente é adotado como auto-descrição por parte de partidos e políticos. Em geral, a mídia e os adversários utilizam o termo “populismo” de maneira pejorativa, para expor o que consideram as intenções ocultas de um movimento ou figura pública. Assim, o populismo pode ser compreendido mais como uma resposta às frustrações populares do que como uma ideologia ou doutrina consolidada.

⁷ O caudilhismo foi a forma política predominante na América Latina após as guerras de independência, centrando-se na figura do caudilho, herói militar que personificava o ideal do "homem forte" na política da região. No Brasil, essa personificação concentrou-se na figura dos coronéis (Moraes, 2024).

De forma semelhante, o pensador argentino Ernesto Laclau (2007) defende que o populismo deve ser compreendido como uma "lógica" e não uma ideologia fixa, sendo compatível com a democracia, pois emerge como uma política capaz de atender aos interesses e necessidades daqueles que foram negligenciados (Tormey, 2017). Segundo ele, o populismo está enraizado em divisões sociais, estruturadas na oposição entre "o povo" e "a elite". Essa dicotomia é fundamental para a construção da identidade política, na qual o "povo" é frequentemente retratado como um agente de transformação e oposição. Laclau destaca que essa narrativa é usada para mobilizar o apoio popular, direcionando demandas sociais para uma luta e resistência contra uma elite percebida como antagônica (Laclau, 2007, *apud* da Silva & Baron, 2021).

Esse é o ponto central da lógica populista: a noção de "povo *versus* elite", o "nós *versus* eles". Essa dicotomia no tecido social, como referenciado por Laclau (2007), é fundamental para a construção da identidade política, na qual o "povo" é frequentemente apresentado como um agente de mudança que se opõe à elite. Essa oposição não apenas delinea quem é considerado parte do "povo", mas também estabelece um inimigo comum, que serve para galvanizar apoio e justificar ações. Assim, o populismo não apenas articula demandas sociais, mas também transforma essas demandas em uma narrativa de luta e resistência contra um adversário percebido (Laclau, 2007, *apud* da Silva & Baron, 2021, p. 19–21).

Tormey (2017, p. 32-35) aprofunda essa caracterização ao argumentar que o populismo subverte a noção de pluralismo nas democracias, isto é, "a ideia de que sociedades complexas são marcadas por importantes diferenças de atitude, opinião, identidade e interesses [...]". Para sustentar o pluralismo, surgem os partidos políticos como representantes institucionais daqueles que compartilham crenças, ideologias ou valores parecidos. O populismo, contudo, quebra com essa premissa política ao não reconhecer essas diferenças como legítimas, oferecendo uma "simplificação radical das estruturas sociais" (Tormey, 2017, p. 34).

Essa simplificação da sociedade comum aos discursos populistas, na visão de Jan-Werner Muller (2016, *apud* Grant, 2017, p. 1, tradução própria), coloca o povo como "moralmente puro e totalmente unificado" contra elites consideradas "corruptas ou, de alguma forma, moralmente inferiores". Esse discurso populista apaga as diferenças individuais essenciais para a saúde da democracia em favor de uma visão de sociedade ameaçada e ignorada, que, na maioria das vezes, é fictícia

(Muller, 2016, *apud* Grant, 2017). Esse tipo de simplificação não apenas reforça a ideia de uma sociedade pura e unificada, mas também contribui para o enfraquecimento do pluralismo, um dos pilares fundamentais das democracias:

A preocupação com os populistas é que eles não procuram distinguir opiniões individuais daquelas “do povo”. Não reconhecem diferenças de ponto de vista, ideologia ou preferência pessoal como fundamentais para a compreensão de como a sociedade deveria funcionar. Em vez disso acreditam que o governo deve se basear nas opiniões e necessidades “do povo” considerado como entidade singular. Nenhuma outra consideração é tida como significativa [...], legítima e digna de ser ouvida (Tormey, 2017, p. 106).

Contudo, é importante destacar a argumentação de Muller (2016, *apud* Grant, 2017), segundo a qual, no contexto do populismo, o conceito de “povo” vai além das classes economicamente desfavorecidas, assim como “elite” não se restringe às pessoas mais abastadas. O “povo” pode englobar diferentes grupos que se percebem excluídos ou desamparados pelo sistema, enquanto a “elite” se refere a figuras de poder, como líderes políticos e intelectuais, vistas como alheias aos interesses dessa maioria (Muller, 2016, *apud* Grant, 2017).

Nesse contexto, é possível diferenciar o populismo de direita do populismo de esquerda. Embora ambos sejam movidos pela lógica “povo *versus* elite”, eles divergem quanto a suas pautas ideológicas e objetivos políticos (Mendonça & Resende, 2021). Para Laclau (2013, *apud* Rodriguês, 2018, p. 72), o populismo apresenta-se como um conceito “vazio” em sua essência, ou seja, ele não possui uma ideologia intrínseca, sendo preenchido e definido pela figura central do líder, que assume o papel de dar significado à dicotomia.

Em linhas gerais, conforme argumentam os autores Daniel Mendonça e Erica Resende (2021), o populismo de esquerda costuma focar em temas de justiça social e redistribuição econômica, apresentando a elite como um grupo que concentra poder e riqueza em detrimento das necessidades populares. A retórica é frequentemente orientada a corrigir desigualdades estruturais, destacando a luta por direitos e inclusão social. Simon Tormey (2017) acrescenta que as crises econômicas têm maior potencial para promover o populismo de esquerda, uma vez que as políticas de austeridade adotadas nesse contexto tendem a intensificar o ressentimento popular e a polarização social. Exemplos de populismo de esquerda, que embora não tenham alcançado o poder executivo máximo de suas nações,

destacam-se pela ampla disseminação de suas ideias, incluem Jeremy Corbyn⁸ e Bernie Sanders⁹ (Rodriguês, 2018).

Por outro lado, o populismo de direita tende a enfatizar o nacionalismo e a segurança, frequentemente adotando posturas críticas e excludentes (Mendonça & Resende, 2021). Aqui a elite é retratada como distante dos valores e tradições da nação, ou conivente com forças externas e ameaças à cultura e à segurança da população. O “nós” representa um grupo homogêneo e moralmente íntegro, enquanto o “eles” inclui tanto elites quanto grupos vistos como ameaças ao tecido social (Mendonça & Resende, 2021). Para Simon Tormey (2017), o crescimento do populismo de direita está profundamente ligado ao descontentamento cultural, influenciado pela crescente chegada de refugiados e migrantes. Isso gera um sentimento de insegurança e perda de identidade, fazendo com que a população se sinta ameaçada. Um exemplo notável do populismo de direita bem sucedido é o de Donald Trump, cuja ascensão ao poder e liderança são objeto de estudo no presente artigo. Trump conseguiu mobilizar setores significativos da sociedade estadunidense ao construir uma narrativa conservadora que exaltava os valores nacionais e promovia críticas às elites e aos imigrantes (Rodriguês, 2018).

Ambos os lados, portanto, compartilham a construção de uma narrativa dualista, adaptada conforme a posição e os objetivos da figura central. Essa posição é, portanto, mais simbólica do que social ou econômica, funcionando como uma estratégia retórica para mobilizar diversos setores em torno de uma percepção compartilhada: a sensação de traição pelo sistema político vigente. O pesquisador político Andrés Bruzzone (2021) entra em concordância ao argumentar que:

Populismo é, além de uma forma de relato, um modo de abordar a política de matriz essencialmente antidemocrática. Seus opostos são o republicanismo e o pluralismo. O populismo apaga as diferenças para construir um povo homogêneo [...] O populismo se alça contra um inimigo que deve ser aniquilado ou neutralizado, o pluralismo debate com adversários cuja legitimidade deve preservar (Bruzzone, 2021, p. 58).

⁸ Jeremy Corbyn venceu a liderança do Partido Trabalhista britânico em 2015, marcando uma guinada à esquerda, mas foi expulso em 2020 após questões relacionadas a casos de antissemitismo. Mesmo fora do partido, ele manteve sua base de apoio e foi reeleito deputado independente em 2023 (Opera Mundi, 2024).

⁹ Bernie Sanders é um senador dos Estados Unidos conhecido por suas propostas de saúde pública universal e aumento de impostos para os mais ricos. Embora tenha se candidatado nas eleições presidenciais de 2016 e 2020, sua influência foi fundamental para a popularização de ideias de esquerda, apesar da resistência do establishment político (Teixeira Jr., 2020).

Assim, o populismo é frequentemente interpretado como uma resposta a crises econômicas ou sociais. Tormey (2017) destaca que o populismo tende a emergir quando a política “convencional” falha em atender às demandas da população e em oferecer soluções eficazes para os desafios que a Nação enfrenta. O autor (Tormey, 2017, p. 36) reforça que “sem crise, há pouca chance de o Populismo ganhar força”, descrevendo como uma “forma extraordinária” e atípica de fazer política. Essa abordagem destaca o populismo como uma alternativa que prospera em momentos de descontentamento generalizado e de colapso da confiança nas instituições tradicionais.

Tormey (2017, p. 38) vai além, ao expor que o populismo pode não só ser um “efeito da crise”, como também seu causador. O autor sustenta que políticos populistas se aproveitam das crises para legitimar suas ideias e ações, fazendo com que sejam toleradas e aceitas pela população, ao se autopromover como “uma mudança radical de curso, uma nova política e uma nova liderança”. Dessa forma, colocam-se como a única alternativa capaz de enfrentar os desafios emergentes, destacando as deficiências que até então a elite dominante trouxe. Ao intensificar o sentimento de crise social, esses líderes exploram as tensões existentes para consolidar seu poder e atrair apoio popular, apresentando-se como uma política redentora que promete devolver ao povo sua voz e poder diante das elites percebidas como opressoras. Conforme o autor aponta (Tormey, 2017, p. 101) “o populismo é um produto da crise, mas também precisa da crise para manter seu *momentum*, sua eficácia e seu apelo”.

Um exemplo dessa estratégia foi observado no contexto do Brexit¹⁰, quando Nigel Farage, líder do UKIP (Partido da Independência do Reino Unido), utilizou um pôster impactante que mostrava milhares de turcos em fila esperando para entrar na Grã-Bretanha. No entanto, a imagem era, na verdade, de pessoas fugindo da zona de guerra na Síria¹¹. Essa manipulação da percepção pública ilustra como os líderes populistas distorcem a realidade para reforçar suas narrativas e justificar suas propostas, ampliando assim o apoio a suas agendas políticas (Tormey, 2017).

¹⁰ O termo “*Brexit*” refere-se à saída do Reino Unido da União Europeia decidida em um referendo em 23 de junho de 2016, onde 52% dos eleitores votaram a favor. A saída formal ocorreu em 31 de janeiro de 2020, seguida por um período de transição até dezembro do mesmo ano (BBC News Brasil, 2020).

¹¹ Quatro anos após o *Brexit*, a Inglaterra vem sofrendo uma escassez de mão de obra em setores como agricultura e construção, devido à redução da imigração da UE. Além disso, o Brexit também trouxe desafios comerciais, tarifas e barreiras que afetam exportações e importações, desvalorizando a libra e contribuindo para o aumento da inflação (Ziady, 2022).

Por outro lado, Barr (2009, p. 39-40) argumenta que o “eleitorado social [...] não é um componente central do populismo, mas uma característica secundária”. O autor afirma que o populismo é, na verdade, um projeto político concebido para conquistar e manter o poder, que independe de uma classe social específica para sua manutenção. Essa perspectiva sugere que a mobilização popular em torno do populismo não se limita a interesses de uma única classe, mas sim a uma estratégia que busca atrair diversos segmentos da sociedade para consolidar a influência e a autoridade do líder populista, o que Barr (2009) chama de Personalismo.

O Personalismo, para Richard Barr (2009), é a figura central do populismo: o líder carismático em que toda a esperança de redenção e melhoria é depositada. Essa concentração de poder em torno de uma única figura é uma característica distintiva do populismo, na qual o líder é visto como a única solução para os problemas enfrentados na sociedade. O Personalismo não apenas reforça a ligação emocional e a lealdade entre o líder e seus apoiadores, como também torna a política dependente da imagem e da retórica do líder, ofuscando a importância das instituições e dos processos democráticos. É essa figura central que personifica a “imagem do povo” (Barr, 2009, p. 40), representando suas aspirações e frustrações, ao mesmo tempo em que se coloca como o salvador da nação em tempos de crise (Tormey, 2017). Essa análise converge com a perspectiva de Laclau (2013, *apud* Rodriguês, 2018, p. 72), que enxerga o Populismo como um espaço “vazio” preenchido conforme a figura central que o ocupa.

Além do carisma, a retórica utilizada pelo líder populista é simplista e direta, frequentemente carregada de emoção e apelos à moralidade, acompanhada de uma visão simplificada dos problemas complexos da sociedade. Ao oferecer soluções fáceis e imediatas, os líderes populistas conquistam seu eleitorado, que está cansado de ineficiências governamentais. Essa abordagem simplista, embora sedutora, muitas vezes ignora as nuances das questões sociais e políticas, levando a promessas que podem ser inatingíveis (Tormey, 2017).

É nesse aspecto que o Populismo converge com a figura dos *outsiders*: ambos se apresentam como agentes de mudança, desafiando o *status quo* e propondo soluções que prometem resgatar os valores e interesses do “povo”. Assim, o líder populista, ao se posicionar como um *outsider*, reforça sua imagem de salvador, herói da pátria, capaz de confrontar e superar as limitações das instituições

tradicionais, tornando-se não apenas uma figura política, mas um símbolo da esperança e da mudança para seus seguidores.

Tormey (2017), ainda, compara o populismo ao cinema hollywoodiano: assim como os filmes criam narrativas dramáticas e figuras heróicas que capturam o imaginário popular, o populismo utiliza discursos simplificados e apelos emocionais para conquistar o apoio das massas.

Em síntese, o populismo emerge na política contemporânea como uma reação a crises e uma forma de contestação ao pluralismo democrático. Ao simplificar problemas sociais complexos e concentrar o poder em uma liderança forte, ele mobiliza as pessoas com a criação de um inimigo comum, frequentemente simbólico, apresentando-se como uma solução redentora. No entanto, essa abordagem frequentemente ignora a diversidade e a riqueza do debate democrático. Essa dinâmica posiciona o populismo em conflito com os princípios democráticos tradicionais, consolidando-se como uma força poderosa, mas controversa, na arena política atual.

5 A NOVA POLÍTICA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

A emergência de *outsiders* e líderes populistas está redefinindo o cenário político contemporâneo, desafiando instituições tradicionais e refletindo uma onda crescente de descontentamento popular. Nesse contexto, a política das plataformas digitais surge como a grande inovação, criando um espaço sem precedentes que favorece a ascensão desses fenômenos. Para Manuel Castells (2016), as plataformas digitais não apenas amplificam suas vozes, mas também oferecem novas maneiras de engajar e mobilizar as massas, alterando a dinâmica da política e a relação entre os governantes e os governados.

Caracterizada por uma comunicação ágil e direta que evita os meios tradicionais de mídia, o uso estratégico das plataformas digitais permite que *outsiders* e líderes populistas estabeleçam conexões imediatas com seus apoiadores. Indo ao encontro das ideias de Castells, Andrés Bruzzone (2021) argumenta que a entrada de novas tecnologias de comunicação digitais transforma radicalmente a dinâmica política, possibilitando que esses fenômenos emergentes se articulem de maneira mais eficaz e atinjam um público mais amplo, alterando as formas de participação e redefinindo as “regras do jogo”.

O ciberpopulismo, como Bruzzone (2021) chama o Populismo contemporâneo aliado às novas tecnologias, representa uma adaptação estratégica às demandas da sociedade digital. Essa forma de Populismo se aproveita das ferramentas digitais para disseminar mensagens de forma rápida e abrangente, frequentemente utilizando narrativas simplificadas que ressoam com as preocupações e emoções do eleitorado. Assim, os líderes ciberpopulistas conseguem não apenas mobilizar apoio, mas também moldar a percepção pública de forma eficaz, influenciando decisões políticas e dinâmicas eleitorais em uma escala sem precedentes.

A política sempre se manifestou onde as pessoas estão, inicialmente em praças públicas e cafés, que serviam como espaços de diálogo e debate (Bruzzone, 2021). Atualmente, muitos se ocultam atrás do que o autor italiano Giuliano Da Empoli (2019, p. 22) denomina de “máscaras coletivas”, nas quais a *internet* desempenha um papel crucial ao proporcionar anonimato. Essa dinâmica permite que os indivíduos expressem suas opiniões sem a pressão da responsabilidade direta, influenciando, assim, a natureza das interações políticas e a formação de comunidades de pensamento.

Panizza (2005, *apud* Vieira *et al.*, 2021) vai ao encontro dessa ideia, ao afirmar que o populismo ultrapassa a barreira entre o público e o privado, trazendo para o debate político desejos e necessidades pessoais que antes não encontravam espaço para serem ouvidos. Os populistas encontram nas plataformas digitais essa possibilidade, utilizando-as como um meio para reunir os “marginalizados” e criar espaços coletivos onde se sintam acolhidos e tenham a sensação de serem vistos e reconhecidos:

O que a ciberpolítica logrou foi atrair públicos que estavam lá, invisíveis para a política tradicional. Fantasmas, não representados pelo discurso instituído, ignorados pelos partidos políticos e pela grande mídia. As plataformas digitais lhes deram ouvidos e fizeram aparecer medos e anseios, raiva reprimida que de uma hora para a outra ganhou voz e braço. Assim, eles se tornaram novos sujeitos políticos e se colocaram no centro de uma cena que até então lhes era alheia (Bruzzone, 2021, p. 81).

Vieira *et al.* (2021) ampliam essa reflexão ao destacar que a comunicação sempre foi a ferramenta mais poderosa do populismo e, na era da *internet*, essa ferramenta tornou-se ainda mais poderosa. O que antes acontecia em palanques, agora é feito por meio de *tweets* ou transmissões ao vivo, tornando a conexão entre governantes e governados mais imediata e, de certa forma, mais próxima e até afetiva.

Além disso, segundo os autores (Vieira *et al.*, 2021) a internet cria uma pressão para que todos se posicionem sobre tudo, como se fosse necessário ter uma opinião para se sentir parte de algo. E é ali, nesse espaço digital, que as pessoas encontram outras com ideias semelhantes, formando comunidades que validem seus pontos de vista. Tudo acontece de forma mais rápida, fluida e, muitas vezes, superficial. Mesmo que a maioria das plataformas digitais sejam administradas por equipes profissionais, a sensação de que uma mensagem pode chegar diretamente ao governante inspira uma conexão única, reforçando o sentimento de acolhimento. Os números de curtidas e compartilhamentos só reforçam esse encantamento, incentivando cada vez mais pessoas a se expressarem e buscarem ser ouvidas.

Dessa forma, o ambiente digital é perfeito para *outsiders* e populistas que buscam validação para suas ideias. O digital não os limita, uma vez que a democracia digital é recente e as plataformas digitais não possuem as mesmas

regras e limitações do mundo físico. Populistas e *outsiders* exploram essa dinâmica de necessidade de afeto e acolhimento, utilizando as plataformas digitais como uma ferramenta estratégica para estabelecer um vínculo direto e emocional com seus seguidores.

Contudo, o uso intensivo das plataformas digitais trouxe um novo desafio para a política contemporânea: a disseminação de *fake news*. Essas notícias falsas são compartilhadas intencionalmente para espalhar desinformação, tornando-se uma ferramenta crucial na política atual, especialmente durante campanhas eleitorais, com o objetivo de conquistar apoiadores e angariar votos. Além disso, para garantir a eficácia do compartilhamento, são utilizados algoritmos que mesclam informações reais com dados falsos, tornando a mensagem mais convincente para aqueles que já possuem uma predisposição a acreditar e reproduzir posicionamentos radicais (TRE-PR, 2023).

Para Giuliano da Empoli (2019), as *fakes news* são usadas estrategicamente pelos populistas para explorar os temores e anseios do eleitorado. Ao criar uma realidade distorcida, essas notícias alimentam a sensação de urgência e ameaça, tornando-se uma ferramenta crucial para os líderes populistas. Eles aproveitam esse recurso para consolidar sua imagem de “homem de ação”, capaz de responder diretamente aos desejos de seus seguidores, reforçando sua narrativa e ampliando sua influência. Da Empoli (2019) ainda vai além, ao trazer para o discurso a afirmação de Mencius Moldburg (2010), pensador da direita alternativa nos Estados Unidos, que defende o uso de *fake news*:

Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável vetor de coesão. “Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade”, escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldburg. “Qualquer um pode crer na verdade, enquanto acreditar no absurdo é uma real demonstração de lealdade - e que possui um uniforme, e um exército” (da Empoli, 2019).

Dessa forma, as *fake news* não apenas alimentam o medo e a insegurança, mas também servem como um alicerce para a construção da narrativa populista, que se utiliza dessas informações distorcidas para consolidar sua posição de liderança. Ao explorar as emoções e preocupações da população, os populistas reforçam sua imagem como protetores das massas, capazes de lutar contra um

sistema considerado corrupto, garantindo assim sua adesão. As plataformas digitais desempenham um papel fundamental nesse processo, amplificando essas narrativas e criando um espaço onde a desinformação se espalha rapidamente, aprofundando a polarização e fortalecendo a dominação política.

6 A TEORIA DOS ATOS DE FALA DE NICHOLAS ONUF

A Teoria dos Atos de Fala de Nicholas Onuf está inserida dentro do Construtivismo, uma abordagem teórica que, segundo a autora Renata Henrique (2009, p. 175), propõe que as Relações Internacionais não são determinadas exclusivamente por fatores materiais, mas são construídas socialmente através de normas, ideias e interações entre os atores. Para o Construtivismo, toda a nossa realidade social é construída. Instituições, como afirma Adler (1999, p. 206), são construídas com base em entendimentos coletivos, que surgem das interações sociais e das significações que os atores atribuem às suas ações, sendo progressivamente difundidos e estabelecidos até serem vistos como algo incontestável. Esses entendimentos coletivos, por sua vez, para o autor, “dão às pessoas razões pelas quais as coisas são como são e indicações de como elas devem usar habilidades materiais e seus poder” (Adler, 1999, p. 206).

Nicholas Onuf fundamenta sua teoria nos estudos de pioneiros dos filósofos J.L. Austin e John Searle¹², que introduziram a noção de que a linguagem não é meramente descritiva, mas também constitutiva da realidade. Segundo Austin (1962, *apud* Moreira, 2012), ao proferirmos certas palavras, não estamos apenas transmitindo informações, mas realizando ações — o que ele denomina "atos performativos". John Searle (1984, *apud* Moreira, 2012) expande essa ideia, sistematizando os diferentes tipos de Atos de Fala e enfatizando como a linguagem cria obrigações, expectativas e estruturas sociais.

Onuf (2012) incorpora essa teoria à abordagem construtivista nas Relações Internacionais, argumentando que o discurso é um dos principais mecanismos pelos quais atores políticos, como Estados, organizações internacionais e líderes constroem e mantêm as normas e instituições que governam o sistema internacional. Através das interações discursivas, esses atores estabelecem novas dinâmicas de poder, legitimidade e ordem política. Dessa forma, a linguagem é vista como um instrumento fundamental para a construção social do mundo político, sendo capaz de influenciar comportamentos, legitimar estruturas e, em última instância, transformar o cenário internacional (Onuf, 2012).

¹² John Langshaw Austin (1911–1960) foi o pioneiro na formulação da Teoria dos Atos de Fala, posteriormente expandida e sistematizada por seu aluno John Searle. Austin baseou-se na teoria pragmática de Ludwig Wittgenstein, especialmente no conceito de que o significado das palavras está relacionado ao seu uso em contextos específicos (Moreira, 2012).

Dentro dessa perspectiva construtivista, Onuf (1998, *apud* Maffini & Corbellini, 2020) enfatiza que a repetição é essencial para consolidar os discursos e fixar certas ideias como verdades socialmente aceitas. Com a frequente exposição a essas mensagens, os ouvintes passam a perceber essas ideias como importantes e verdadeiras, o que reforça a sua legitimidade e influência. Esse processo de repetição permite que os discursos ganhem solidez e aceitação, facilitando a criação de normas e consensos no contexto social e político. Dessa forma, o autor (Onuf, 1998) categoriza os Atos de Fala em três tipos principais, cada um com um papel distinto na formação e transformação da realidade social e política: (1) atos assertivos; (2) atos diretivos; e (3) atos de compromisso.

Os atos assertivos são caracterizados por Henrique (2012, p. 178) como “regras de instrução”, cujo objetivo central é informar como as coisas são e funcionam, reforçando as possíveis “consequências de não se seguir essa informação”. Dessa forma, os atos assertivos promovem a dominação por meio do convencimento, levando os ouvintes a acreditarem que as crenças e ideias transmitidas pelo discurso são corretas e supremas, além de gerar um sentimento de pertencimento a um grupo que compartilha dessas mesmas convicções (Onuf, 1998).

Por sua vez, os atos diretivos são chamados de “regras de direção”, ou seja, normas imperativas que buscam controlar o comportamento dos outros (Henrique, 2012, p. 178). Esses atos, para Onuf (1998, *apud* Maffini & Corbellini, 2020), estabelecem a necessidade de se acreditar no discurso, reforçando a autoridade e a legitimidade do emissor. Dessa forma, os atos diretivos não apenas orientam as ações dos ouvintes, mas tornam imperativo que aceitem o discurso como verdadeiro e legítimo, garantindo que suas normas e prescrições sejam obedecidas. Para Henrique (2012, p. 178), os atos diretivos levam ao controle por autoridade e hierarquia.

Os atos de compromisso distinguem-se dos demais por envolverem promessas e recompensas, reconhecendo os direitos e deveres dos ouvintes, denominados de “regras de comprometimento” por Henrique (2012, p. 178). Esses atos estabelecem vínculos que exigem a adesão dos participantes a determinadas responsabilidades, criando uma relação de compromisso entre o emissor e o receptor. Essa dinâmica contribui para a formação de uma “sociedade

constitucionalmente construída”, na qual as normas e expectativas são legitimadas por meio da reciprocidade do cumprimento das promessas (Henrique, 2012, p. 178).

Abaixo está apresentado o Quadro 3 com as três categorias de atos de fala e suas principais características, para uma melhor visualização:

Quadro 3 - Categorização dos Atos de Fala de Nicholas Onuf

Categoria	Descrição	Objetivo
Atos Assertivos	“Regras de instrução”, que informam como as coisas são e funcionam.	Informar e reforçar a veracidade das crenças.
Atos Diretivos	“Regras de direção”, que controlam o comportamento dos outros.	Orientar ações e estabelecer normas imperativas.
Atos de Compromisso	Envolvem promessas e recompensas, reconhecendo direitos e deveres.	Criar vínculos de responsabilidade e reciprocidade.

Fonte: Adaptado de Henrique, 2012, p. 178 e Maffini & Corbellini, 2020, p. 208-209.

Em suma, a Teoria dos Atos de Fala de Nicholas Onuf proporciona uma compreensão aprofundada de como a linguagem não apenas reflete, mas também constrói e transforma realidades políticas. Através da categorização dos atos assertivos, diretivos e de compromisso, evidencia-se que a linguagem é um instrumento crucial na formação de normas e na dinâmica de poder entre os diversos atores no sistema internacional. Esses atos de fala comunicam intenções e moldam comportamentos, estabelecendo vínculos sociais que sustentam a ordem política. Assim, a análise dos atos de fala destaca a importância da linguagem como ferramenta essencial para a criação e manutenção de estruturas sociais, legitimando a autoridade e influenciando a percepção coletiva. Isso se torna especialmente relevante em contextos como o Populismo, onde a retórica é utilizada para desafiar e reconfigurar relações de poder, conforme será explorado mais adiante.

7 ASCENSÃO DE DONALD TRUMP: POPULISMO, RETÓRICA E A NOVA POLÍTICA

Donald John Trump é uma figura central e controversa no cenário político mundial, cuja trajetória empresarial e presença midiática foram determinantes para sua ascensão à vida pública. Antes de ingressar na esfera pública, ele já era conhecido por ser destaque no setor imobiliário e no universo do entretenimento. Nascido em 14 de junho de 1946, Trump iniciou sua carreira nos negócios trabalhando na empresa de seu pai, a Fred Trump & Son, onde consolidou suas habilidades no mercado de imóveis. Ao assumir o controle da empresa em 1971, renomeou-a para The Trump Organization, expandindo seus empreendimentos para o mercado de luxo, especialmente em Nova Iorque. Seu império cresceu, e ele se tornou uma celebridade, símbolo do “sonho americano”, com hotéis, cassinos e arranha-céus mundialmente conhecidos, como a Trump Tower (Duignan, 2024).

Além dos negócios, Donald Trump adentrou o entretenimento como anfitrião do programa *The Apprentice*¹³ (2004 – 2015), que reforçou sua imagem de empresário implacável e bem-sucedido. Também foi proprietário das empresas que produziam o *Miss USA* e *Miss Universo*, consolidando sua presença midiática, que transcendia o mundo dos negócios (Catacci, 2024). No entanto, foi apenas em 15 de junho de 2015 que Trump deu início a uma reviravolta histórica, não apenas nos rumos políticos dos Estados Unidos, mas também no cenário global. Ao anunciar sua candidatura à presidência, ele trouxe um discurso ousado e provocador que conquistou milhões de estadunidenses insatisfeitos com o *status quo*, estabelecendo um novo marco na forma de fazer política.

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) observam que, inicialmente, Donald Trump foi amplamente visto como apenas mais uma celebridade buscando visibilidade no cenário político, sob a suposição de que sua candidatura não iria além de uma tentativa de ampliar sua fama. Até então, seu envolvimento mais significativo com a política havia sido na defesa de posições consideradas extremistas, como sua adesão ao movimento *birther*, que questionava a cidadania do então presidente Barack Obama, insinuando que ele não teria nascido nos Estados Unidos.

¹³ “O Aprendiz”, em tradução livre.

Os autores (Levitsky & Ziblatt, 2018) atribuem ao novo sistema de primárias¹⁴ nos Estados Unidos a responsabilidade por abrir espaço para a ascensão de candidatos não convencionais, ou *outsiders*, enfraquecendo os mecanismos tradicionais de freios e contrapesos que garantem a estabilidade política. Outro fator determinante foi a explosão da mídia alternativa e das plataformas digitais, que deram visibilidade a celebridades políticas e permitiram que suas mensagens alcançassem rapidamente um vasto público. Contudo, a situação era mais complexa.

Em 2016, o cenário político internacional refletia uma onda de insatisfação popular. A vitória do *Brexit* no Reino Unido revelou o crescimento de movimentos nacionalistas e eurocéticos, enquanto conflitos no Oriente Médio, como a guerra na Síria, exacerbaram a crise migratória na Europa, alimentando sentimentos de insegurança e rejeição à globalização. David Held (2016, apud Seitz, 2016), professor de Política e Relações Internacionais da Universidade de Durham, argumenta que vivemos uma época marcada pelo "trunfo do medo e da raiva" e pelo enfraquecimento das ideias liberais. A candidatura de Trump consolidou essa tendência, simbolizando uma nova era na política.

Simon Tormey (2017) afirma que o descontentamento econômico e subsequente insatisfação social começaram com a crise financeira de 2008, criando um terreno fértil para o surgimento e fortalecimento de ações *anti-establishment*. Por outro lado, George Michael (2015), no artigo intitulado "*The Tea Party and the battle for the future of the United States*"¹⁵, sugere que o verdadeiro impulso veio não diretamente da crise, mas das reações políticas subsequentes, como o surgimento do movimento *Tea Party* nos Estados Unidos. Esse movimento, que emergiu como resposta ao resgate financeiro e às políticas do governo Obama, intensificou a polarização política e criou um ambiente propício para líderes como Trump. O *Tea Party* foi fundamental para moldar um discurso populista de direita, centrado no nacionalismo e na rejeição das elites tradicionais.

Dessa forma, enquanto Tormey (2017) destaca as consequências econômicas diretas da crise de 2008, Michael (2015) enfatiza as respostas políticas

¹⁴ Segundo Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) o sistema de primárias nos EUA mudou em 1972 para permitir que os eleitores escolhessem diretamente os candidatos presidenciais, em vez de depender exclusivamente dos líderes partidários. Essa mudança enfraqueceu os partidos políticos, pois os líderes perderam o controle sobre as indicações e as escolhas passaram a ser dominadas por eleitores mais ideológicos.

¹⁵ "O Tea Party e a batalha pelo futuro dos Estados Unidos", em tradução livre.

e sociais desencadeadas por ela. Ambas as abordagens revelam um crescente sentimento de insatisfação com a política tradicional, acentuado pelo distanciamento entre as elites e a população, um fenômeno que se manifesta nos Estados Unidos e reflete uma tendência global. Essa insatisfação foi amplificada por mudanças culturais e demográficas.

O crescimento das populações latina e asiática nos Estados Unidos introduziu novas dinâmicas sociais, mas também gerou insegurança em determinados setores da sociedade. Esse contexto reflete o fenômeno descrito por Tormey (2017), que caracteriza o populismo de direita como uma resposta às ansiedades provocadas por alterações culturais. Donald Trump soube aproveitar esses temores ao adotar uma retórica conservadora e nacionalista, canalizando as inquietações sociais em apoio político. Por meio de discursos que evocam nostalgia e prometem restaurar uma grandeza passada, ele mobilizou de forma eficaz uma base eleitoral marcada pelo ressentimento em relação às elites políticas e às consequências percebidas da globalização.

Esse cenário demonstra como a retórica de Trump, ao priorizar temas conservadores e morais, reflete a ascensão global do populismo de direita, mobilizando medos e valores tradicionais para fortalecer seu apoio político. Seu famoso *slogan* de campanha, "*Make America Great Again*"¹⁶, invoca uma nostalgia por uma América idealizada e promete restaurar uma ordem supostamente perdida. Como discutido anteriormente, essa retórica populista simplifica questões complexas em narrativas acessíveis e diretas, estabelecendo uma conexão emocional profunda com o público (Tormey, 2017).

Sob a perspectiva dos atos de fala de Nicholas Onuf (2012), o *slogan* de Trump pode ser visto como um ato assertivo, comunicando uma crença ou visão de mundo. Seu objetivo vai além de afirmar algo: ele busca convencer os eleitores de que essa grandeza precisa ser restaurada, criando uma narrativa de crise e urgência. Ao fazer isso, Trump projeta a imagem de um líder capaz de oferecer soluções rápidas e eficazes para problemas negligenciados pelas elites políticas, consolidando-se como o que Tormey (2017) chamou de "salvador da pátria", alguém capaz de devolver ao país a grandeza do passado. Essa retórica provocou uma resposta emocional no público, gerando sentimentos de nostalgia, esperança e até

¹⁶ "Faça a América grande novamente", em tradução livre.

mesmo raiva, o que fortaleceu sua base de apoio e consolidou seu papel como um líder capaz de enfrentar as elites e devolver o poder ao povo.

A frase de Donald Trump proferida em 2016, durante o lançamento oficial de sua candidatura em Albany, Nova Iorque, "*You're going to be so proud of your country, if I get in. [...] We're going to win so much, you may even get tired of winning*"¹⁷, é outro exemplo de um ato assertivo, conforme a classificação de Nicholas Onuf (2012). Essa declaração projeta uma visão otimista de futuro, criando urgência e expectativa, ao envolver os eleitores na promessa de uma grandeza iminente.

Nas plataformas digitais, especialmente no Facebook, principal ferramenta de comunicação *online* daquele ano, a viralização dessa mensagem teve grande repercussão. Ela foi amplamente compartilhada e discutida, tornando-se um símbolo do estilo provocador e confiante de Trump durante sua campanha. A frase foi utilizada tanto por apoiadores, que a viam como uma promessa de sucesso, quanto por críticos, que a interpretavam como um exemplo de exagero e populismo. Esse tipo de declaração viral contribuiu para consolidar a presença de Trump nas mídias digitais, reforçando sua conexão emocional com o público (Lapowsky, 2015).

Quando Trump faz assertivas, ele utiliza as plataformas digitais para compartilhar mensagens rápidas e diretas que refletem sua visão de mundo de maneira pessoal e sem intermediários. Ao invés de depender de meios tradicionais como a televisão, elas oferecem uma plataforma dinâmica e de grande alcance para ele comunicar suas afirmações (Lapowsky, 2015). Um exemplo claro é o uso da *hashtag* *#DrainTheSwamp*¹⁸, que ele adotou para se posicionar contra o "pantano" de corrupção associado a seu antecessor Barack Obama e à sua concorrente nas eleições de 2016, Hillary Clinton, do Partido Democrata, projetando uma visão de futuro mais otimista (Baptista, Hauber & Orlandini, 2022). Essa comunicação instantânea, amplificada pelas plataformas digitais, permite que suas mensagens atinjam um público muito maior do que ele poderia alcançar pelos meios tradicionais, o que fortalece o impacto de suas palavras e aumenta sua visibilidade (Benkler, Faris & Roberts, 2018).

¹⁷ "Vocês vão se sentir tão orgulhosos do seu país, se eu conseguir entrar. [...] Nós vamos vencer tanto, que vocês podem até se cansarem de vencer", em tradução livre.

¹⁸ "Drenar o pantano", em tradução livre.

No caso dos atos diretivos, como o famoso “*Build the Wall!*”¹⁹, a rede social Instagram funciona como um amplificador. Trump utiliza a plataforma para emitir comandos diretos, e seus seguidores não apenas recebem essas instruções, mas também interagem com elas, comentando, compartilhando e criando uma rede de ação instantânea. Esse comportamento reflete a ideia proposta por Zeynep Tufekci (2017), na qual a comunicação política é constantemente reforçada e ampliada pelas interações dos seguidores. Postagens críticas e imperativas, frequentemente seguidas de mensagens como “*Get Out & Vote #TrumpPence16*”²⁰, exemplificam o uso de diretivos, ao mesmo tempo que incorporam características do populismo, como o apelo direto à ação e a descredibilização da oposição.

Além disso, o ato de compromisso desempenha um papel central na construção da identidade política de Donald Trump, especialmente durante sua campanha eleitoral. Ele utilizou esses compromissos como pilares de sua retórica populista, fazendo promessas de mudanças rápidas e significativas que apelavam ao desejo de uma recuperação econômica e à restauração de valores nacionais. Conforme apontado pelos autores Ryan Zamarripa e Seth Hanlon (2020), a promessa feita em abril de 2016, de que “[...] *we will keep our jobs and bring in new ones*”²¹, se tornou um dos principais *slogans* de sua campanha, especialmente entre os eleitores da classe trabalhadora, que se sentiam marginalizados pela globalização e pela perda de empregos industriais. Esses compromissos geraram uma expectativa imediata entre seus seguidores, que aguardavam a concretização dessas promessas.

De acordo com uma pesquisa realizada por Joe Garofoli para o San Francisco Chronicle em 2015, Donald Trump possuía cerca de 377 mil seguidores no Instagram no início de sua candidatura em 2015. Durante esse período, ele usava a plataforma principalmente para compartilhar fotos de sua família. Embora Trump fosse o candidato com o maior número de seguidores entre os possíveis concorrentes à presidência dos Estados Unidos, ele ainda não figurava entre as 100 contas mais populares do Instagram. No entanto, quando Trump assumiu a presidência, sua conta pessoal do Instagram saltou para 5 milhões de seguidores,

¹⁹ “Construa o muro”, em tradução livre.

²⁰ “Saia e vote #TrumpPence16”, em tradução livre.

²¹ “Manteremos nossos empregos e traremos novos”, em tradução livre.

refletindo o aumento de sua visibilidade e influência nas plataformas digitais durante seu mandato (Heil, 2017).

Em 2020, Donald Trump alcançou 19 milhões de seguidores no Instagram, consolidando-se como o terceiro político mais seguido do planeta e o primeiro *outsider* na plataforma (Dixon, 2023). Esse crescimento expressivo de seguidores reflete não apenas a amplificação de sua presença digital durante sua presidência, mas também a relevância das plataformas digitais como ferramenta estratégica para figuras políticas não tradicionais. A expansão de sua base no Instagram evidencia como Trump utilizou as plataformas sociais para reforçar sua narrativa e interagir diretamente com seus apoiadores, aproveitando sua influência digital para se posicionar como um líder disruptivo no cenário político global.

O impacto das plataformas digitais é notável no sentido de que elas não apenas amplificam os atos de fala de Trump, mas os transformam em um ciclo contínuo de comunicação. As palavras de Trump, muitas vezes polêmicas ou exageradas, se tornam parte de uma "realidade alternativa", transmitida em tempo real e sem os filtros da mídia tradicional (Benkler, Faris & Roberts, 2018). A viralização de seus *posts*, por exemplo, garante que seus atos de fala assertivos e diretivos tenham um impacto imediato, com seguidores que podem agir ou reagir instantaneamente, reforçando seu papel como um líder político que se comunica diretamente com seu público.

Após a eleição de Donald Trump em 2016, o uso das plataformas digitais foi fundamental na criação e manipulação de uma realidade política alternativa, muitas vezes sustentada por *fake news*. Durante sua presidência, Trump intensificou o uso dessas plataformas como ferramentas de comunicação direta com seus seguidores, construindo uma narrativa paralela frequentemente desconectada dos fatos. Esse fenômeno está alinhado com o conceito de ciberpopulismo proposto por Bruzzone (2021), que aponta como a tecnologia e as plataformas digitais amplificam as vozes populistas.

A ascensão das *fake news*, muitas vezes alimentadas ou amplificadas por grupos alinhados com sua ideologia, foi um fenômeno central. Informações falsas sobre suas políticas, seus adversários políticos e eventos de sua administração eram regularmente compartilhadas, ajudando a moldar a opinião pública e consolidar seu apoio. Além disso, conforme argumenta André Pini (2021), a capacidade de Donald Trump de usar as plataformas para atingir diretamente seus

eleitores e atacar a mídia tradicional, essa última denominada por ele de "*fake news*", também foi uma estratégia eficaz para controlar sua narrativa. Trump frequentemente recorria a essas plataformas para questionar a legitimidade de fontes jornalísticas, descreditando qualquer crítica que fosse contrária à sua agenda. Esse fenômeno foi intensificado pela polarização crescente nas plataformas digitais, na qual a bolha de informações que seus apoiadores consumiam frequentemente se limitava a visões distorcidas e propagadas de maneira massiva por *bots* e contas falsas.

A situação escalou com a propagação de teorias da conspiração, como a alegação infundada de que as eleições de 2020 foram fraudulentas, o que culminou no ataque ao Capitólio²². O evento foi, em grande parte, alimentado por anos de desinformação disseminada via plataformas digitais, onde o presidente e seus apoiadores amplificaram mensagens que incitavam desconfiança nas instituições e nos resultados eleitorais. O ataque, que visava impedir a certificação da vitória de Joe Biden, reflete o impacto profundo que a manipulação da informação nas plataformas digitais pode ter em ações políticas reais e na violência política (Corrêa, 2024).

A presidência de Donald Trump exemplifica o uso estratégico do populismo por um *outsider*, que, ao aproveitar as plataformas digitais, construiu uma narrativa paralela e polarizada. Suas postagens, muitas vezes baseadas em *fake news*, permitiram-lhe se comunicar diretamente com seus seguidores, desafiando as narrativas tradicionais e reforçando sua imagem como um líder fora do sistema. Esse ciberpopulismo, ao distorcer a realidade e mobilizar o descontentamento popular, transformou a dinâmica política, alterando profundamente a comunicação política no século XXI.

²² O ataque ao Capitólio dos Estados Unidos ocorreu em 6 de janeiro de 2021, quando apoiadores de Donald Trump invadiram o Congresso em Washington, D.C., tentando impedir a certificação da vitória eleitoral de Joe Biden. O evento resultou em nove mortes e centenas de feridos. Trump foi responsabilizado por incitar a violência, mas, após se justificar em uma audiência no Congresso, não foi condenado. (G1, 2024). Em 2024, venceu as eleições presidenciais e retornará ao poder em 2025.

8 CONCLUSÃO

A ascensão de líderes *outsiders* e o uso estratégico do populismo, como explorado ao longo deste artigo, representam desafios substanciais para a estabilidade das democracias contemporâneas. O populismo, ao estabelecer uma dicotomia simplista entre "povo" e "elite", enfraquece os pilares fundamentais do pluralismo democrático e promove uma polarização perigosa. Esse fenômeno, como apontado por Simon Tormey (2017), vai além da crítica ao *establishment*; ele rejeita a legitimidade de ideologias, filosofias e opiniões divergentes, simplificando a complexidade da sociedade em um discurso homogêneo e excludente. Ao reduzir a política a uma luta entre "nós" e "eles", o populismo nega a diversidade e o diálogo, bases essenciais para o funcionamento democrático.

A análise sob a perspectiva dos atos de fala de Nicholas Onuf (2012) reforça a dimensão performativa dessa retórica. A linguagem utilizada por líderes populistas não apenas reflete uma visão de mundo, mas cria e impõe uma nova realidade, onde as instituições democráticas são frequentemente questionadas ou deslegitimadas. Com a amplificação proporcionada pelas plataformas digitais, essas narrativas ganham alcance inédito, mobilizando o ressentimento popular e criando uma atmosfera de constante crise política. O uso de *fake news*, como apontado por Giuliano da Empoli (2019), é um exemplo claro dessa manipulação discursiva, transformando a verdade em um instrumento de poder e coesão ideológica.

A trajetória de Donald Trump exemplifica essa dinâmica de maneira emblemática. Ao utilizar slogans como "*Make America Great Again*" e promover a retórica *anti-establishment*, Trump simplifica questões complexas em narrativas acessíveis, direcionando o descontentamento popular contra as elites políticas e a mídia tradicional. Seus discursos polarizadores, muitas vezes baseados em ataques a adversários e instituições, criaram um ambiente de desconfiança e tensão. Ao se recusar a reconhecer o valor de ideologias divergentes, Trump promoveu uma visão

unificada e excludente da sociedade, ilustrando a crítica de Tormey (2017) sobre o caráter antidemocrático do populismo.

Essa dinâmica populista não apenas desafia o *establishment* político, mas mina os valores democráticos ao desconsiderar o pluralismo e a diversidade de ideias. O populismo se apresenta como uma força redentora, mas, na prática, enfraquece o espaço para o debate racional e a construção de consensos. A rejeição das diferenças, ao invés de fortalecer o povo, cria um cenário de exclusão e polarização, onde o diálogo e o compromisso são substituídos pela imposição de uma única visão de mundo.

Portanto, é fundamental que a sociedade esteja atenta aos riscos que o populismo e a ascensão de *outsiders* representam. Fortalecer as instituições democráticas e promover uma consciência crítica são passos essenciais para resistir a discursos que prometem soluções simplistas para problemas complexos. Somente com o respeito à diversidade de ideias e o compromisso com o diálogo será possível preservar e renovar a democracia em meio às rápidas transformações do cenário global.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Emanuel. *O construtivismo no estudo das Relações Internacionais*. Jerusalém: **Lua Nova: revista de cultura e política**, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451999000200011>. Acesso em: 14 de setembro de 2024.
- BAPTISTA, Érica A.; HAUBER, Gabriella. ORLANDINI, Maiara G. *Despolitização e populismo: as estratégias discursivas de Trump e Bolsonaro*. Belo Horizonte: **Media & Jornalismo**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 105-119, 2022. DOI: 10.14195/2183-5462_40_5. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/10279>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.
- BARR, R. R. *Populists, Outsiders and Anti-Establishment Politics*. New York: **Sage Journals**, 2009. Party Politics, 15(1), 29–48.. Available in: <https://doi.org/10.1177/1354068808097890> Accessed on: June 05, 2023.
- BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics*. New York: **Oxford University Press**, 2018. Available on: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190923624.001.0001>. Accessed in: Nov 22, 2024.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: **Editores UNESP**, 1995.
- BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: **Contexto**, 2021. 129 p. ISBN: 978-65-5541-063-1
- CAMAROTTI, Antonio. *Donald Trump: o Aprendiz de presidente dos Estados Unidos*. **FORBES Brasil**, 2016. Disponível em: <https://forbes.com.br/colunas/2016/12/donald-trump-o-aprendiz-de-presidente-dos-estados-unidos/>. Acesso em: 18 de novembro de 2024.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro: **Paz & Terra**; 5ª edição (11 janeiro 2016). ISBN 13: 978-8577533213
- CATACCI, Mariana. *Donald Trump: relembre a trajetória do bilionário reeleito presidente dos EUA*. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/donald-trump-relembre-a-trajetoria-do-bilionario-que-virou-presidente-dos-eua/>. Acesso em: 11 de novembro de 2024.

COMO identificar fake news: na dúvida, não compartilhe. **Tribunal Regional Eleitoral - PR**, 2023. Disponível em:

<https://www.tre-pr.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Setembro/como-identificar-fake-news-na-duvida-nao-compartilhe-1>. Acesso em: 13 de novembro de 2024.

CORRALES, Javier. *Latin America's Neo Caudillismo: Ex-Presidents and Newcomers Running for President... and Winning*, *Latin American Politics and Society*. Miami: **University of Miami**, published online by Cambridge University Press, 2008. 50(3), pp. 1–35. Available in: [doi:10.1111/j.1548-2456.2008.00020.x](https://doi.org/10.1111/j.1548-2456.2008.00020.x). Accessed on Oct 03, 2024.

CORRÊA, Alessandra. *Trump segue reforçando discurso que levou à invasão do Capitólio, diz analista*. Washington: **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.bbc.com/portuguese/articles/cxe6kzmm32lo.am.p>. Acesso em: 24 de novembro de 2024.

CÔRTEZ, Pâmela de R.; OLIVEIRA, André M. de A. *Os partidos políticos em formação no Brasil pós-2013 e a retórica anti-establishment político*. **SciELO Brazil**, Artigos, Opin. Pública, 27 (1), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/q4TsPpCDdbgQ9WbjbpMTg6f/#>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

DA SILVA, Luis G. T.; BARON, Letícia. *A noção de representação política em Ernesto Laclau: populismo e democracia*. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciência Política**, (36), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.36.240010>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.

DIXON, Stacy J. *World leaders with the most Instagram followers as of April 2020 (in millions)*. Worldwide: **Statista**, 2023. Available in: <https://www.statista.com/statistics/954322/world-leaders-with-the-most-instagram-followers/>. Accessed on: Set 23, 2024.

DUIGNAN, Brian. *Donald Trump: 45th presidente of the United States*. **Britannica**, 2024. Available in: <https://www.britannica.com/biography/Donald-Trump>. Accessed on: Nov 24, 2024.

EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos: como as fakes news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: **Vestígio**, 2024. ISBN: 978-85-54126-60-5

ENTENDA o Brexit e seus impactos em 8 perguntas. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46335938>. Acesso em: 10 de Outubro de 2024.

GAROFOLI, Joe. *Trump and Bush attack ads turn Instagram into a battleground*. **San Francisco Chronicle**, 2015. Available in: <https://www.sfchronicle.com/business/article/Trump-and-Bush-attack-ads-turn-Instagram-into-a-6486213.php>. Accessed on: Nov 22, 2024.

GRANT, John. *What is populism? - Review*. **Contemp Polit Theory** 17 (Suppl 3), 146–149 (2018). Available in: <https://doi.org/10.1057/s41296-017-0129-8>. Accessed on: Oct 14, 2024.

HEIL, Emily. *Donald Trump looks sad in his first Instagram post from the White House account*. **Washington Post**, 2017. Available in: <https://www.washingtonpost.com/news/reliable-source/wp/2017/01/21/donald-trump-looks-sad-in-his-first-instagram-post-from-the-white-house-account/>. Accessed on: Nov 23, 2024.

HENRIQUE, Renata T. *Resenha: Construtivismo*. Curitiba: **Relações Internacionais no Mundo Atual**, n. 10, p. 173-180, 2009-2. e-ISSN: 2316-2880. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/34>. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

INÁCIO, Magna; LLANOS, Mariana. *Os riscos dos 'outsiders': A eleição de pessoas com pouca ou nenhuma experiência política e partidária é conhecida como 'outsiderism', mas nem sempre isso significa correr por fora da política*. **El País**, 2018. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/23/opinion/1540317261_318460.html. Acesso em: 04 de outubro de 2024.

JEREMY Corbyn é reeleito deputado após expulsão do Partido Trabalhista. São Paulo: **Opera Mundi**, 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/jeremy-corbyn-e-reeleito-deputado-apos-expulsao-do-partido-trabalhista/>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.

KENNEY, Charles D. *Outsider and Anti-Party Politicians in Power: New Conceptual Strategies and Empirical Evidence from Peru*. **Sage Journals - Party Politics**, 1998, volume 4, issue 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354068898004001003>. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

KUBÁLKOVÁ, Vendulka; ONUF, Nicholas; KOWERT, Paul. *International Relations in a Constructed World*. Nova Iorque: **M. E. Sharpe, Inc**, 1998. ISBN: 0-7656-0298-9

LAPOWSKY, Issie. *Here's How Facebook Actually Won Trump the Presidency*. **Wired**, 2015. Available in: <https://www.wired.com/2016/11/facebook-won-trump-election-not-just-fake-news/>. Accessed on: Nov 20, 2024.

LINZ, Juan. *Presidential or Parliamentary Democracy: Does It Make a Difference?* In: LINZ, Juan; VALENZUELA, Arturo. *The Failure of Presidential Democracy*. Baltimore: **Johns Hopkins University Press**, 1994.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2018. 272 p. ISBN: 13: 978- 8537818008.

MAFFINI, Luiza da Cas; CORBELLINI, Mariana D. *Relações Brasil Estados Unidos: análise dos discursos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva*. In:

CORBELLINI, Mariana D.; FREY, Márcia R.; RIBEIRO, Vanderlei B. *Estudos acadêmicos em Administração, Contábeis, Economia e Relações Internacionais: volume 6*. Santa Cruz do Sul: **EDUNISC**, 2020, p. 204-217. Disponível em: https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=513. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

MICHAEL, George. *The Tea Party and the battle for the future of the United States*. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 307-327, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4971>. Acesso em: 23 de novembro de 2024.

MENDONÇA, Daniel; RESENDE, Erica S. A. *A especificidade do Populismo de Esquerda*. São Paulo: **Revista História, Artigos livres** - História 40 - 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2021061>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.

MORAES, Taynara da M. *O que foi o caudilhismo na América Latina?* **Politize!**, 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/caudilhismo/>. Acesso em: 04 de novembro de 2024.

MOREIRA, Raquel R. *Filosofia da linguagem: a intencionalidade em Austin e Searle*. **Revista Entrelinha** - Vol. 6, n.1 (jan./jun.2012). Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/2458/1032>. Acesso em: 24 de outubro de 2024.

MÜLLER, Jan-Werner. *Whats is populism?* Philadelphia: **University of Pennsylvania Press**, 2016, 123 pp., ISBN: 978-0-8122-4898-2

NIERO NETO, Nelson; PEROSA, Teresa. *O economista centrista fundador do movimento En Marche! foi eleito presidente da França após derrotar a candidata da extrema-direita, Marine Le Pen*. **Época**, 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2017/05/emmanuel-macron.html>. Acesso em: 03 de outubro de 2024.

ONUF, Nicholas. *Making Sense, Making Worlds: Constructivism in Social Theory and International Relations*. Miami: **Routledge**, 2012. 230 p. ISBN: 978-0415624176

PICUSSA, Roberta. *Outsiders: um conceito de difícil operacionalização na Ciência Política*. Curitiba: **SciELO Brazil: Revista de Sociologia e Política**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-98732331e023>. Acesso em: 02 de outubro de 2024.

PICUSSA, R., CODATO, A. *Outsiders in politics: an overview*. Curitiba: **SciELO Preprints**, 2022. Available in: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4533>. Accessed on: Jun 11, 2023.

RODRIGUÊS, Theófilo Machado. *Populismo de esquerda versus populismo de direita no início do século XXI: o conflito político nos EUA, Inglaterra, França e Alemanha*. Niterói: **Revista Estudos Políticos**, [S.L.], v. 9, n. 17, p. 70, 10 dez. 2019. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/rep.v9i17.39851>. Acesso em: 21 de junho de 2023.

SANTOS, Mateus da Cunha. FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. *Quando a inexperiência é um trunfo: o fenômeno da ascensão de outsiders na política*. Niterói: **Contracampo**, v. 42, n. 1, p. 01-15, jan./abr. 2023. Disponível em: <http://DX.doi.org/10.22409/Contracampo.v42i1.56899>. Acesso em: 03 de outubro de 2024.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2015. ISBN: 978-85-359-2566-1

SEITZ, Max. *2016 foi realmente um ano difícil para a democracia?* **BBC NEWS Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38447192>. Acesso em: 17 de novembro de 2024.

TEIXEIRA JR., Sérgio. *Bernie Sanders, o radical que ainda tem chance de disputar a Casa Branca*. Nova York: **InfoMoney**, 2020. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bernie-sanders-o-radical-que-ainda-tem-chance-de-disputar-a-casa-branca/>. Acesso em: 28 de outubro de 2024.

TORMEY, Simon. *Populismo: uma breve introdução*. São Paulo: **Cultrix**, 2019. 229 p. ISBN - 978-85-316-1535-1

TRÊS anos após invasão ao Capitólio nos EUA, buscas por suspeitos ainda está longe do fim. **G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/01/06/tres-anos-apos-invasao-ao-capitolio-nos-eua-busca-por-suspeitos-ainda-esta-longo-do-fim.ghtml>. Acesso em: 25 de novembro de 2024.

TUFECKI, Zeynep. *Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest*. **Yale University Press**, 2017. ISBN - 978-0274756650

VIEIRA, Danilo P. de C.; PORTELA, Lucas S.; RABELO, Rebeca S. *Populismo contemporâneo e a nova (ciber) política: uma nova forma de se fazer política por meio da aproximação de identidades digitais*. Brasília: **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, ISSN 2236-4811, vol. 12 (2), 2021. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REI/article/download/1396/1067/4428>. Acesso em: 12 de novembro de 2024.

WHO we are. **Statista**, [n.d.]. Available in: <https://www.statista.com/aboutus/>. Accessed on: Set. 28, 2024.

ZAMARRIPA, Ryan; HANLON, Seth. *Trump's Economy: 7 Broken Promises to Working Americans*. **American Progress Action**, 2020. Available on: <https://www.americanprogressaction.org/article/trumps-economy-7-broken-promises-working-americans/>. Accessed on: Nov 24, 2024.

ZIADY, Hanna. *Como o Brexit quebrou as bases econômicas do Reino Unido*. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/como-o-brexite-quebrou-as-bases-economicas-do-reino-unido/>, Acesso em: 10 de Outubro de 2024.